

REFERENCIAÇÃO LEXICAL EM TEXTOS BÍBLICOS

Mayra Machado Silva (UFES)

maychado@hotmail.com

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

penhalins@terra.com.br

1. Introdução

Este trabalho pretende verificar a correlação existente entre seleção lexical e progressão referencial, por meio da reconstrução de objetos de discurso presentes em parábolas bíblicas. A partir de uma perspectiva não referencial da linguagem e adotando uma posição que prevê a dinamicidade dos objetos de discurso, pois uma vez introduzidos, são constantemente modificados sendo construídos e reconstruídos no curso da progressão referencial (KOCH, 2009); objetivamos observar a importância da seleção de determinados itens lexicais e de expressões referenciais no processo de referenciação, visto que, estes recursos linguísticos são determinantes na construção de sentido do texto sagrado.

Para tanto, adotaremos a posição que concebe a linguagem não como um reflexo das coisas do mundo, mas como um elemento que irá reforçar nossa percepção da realidade. Segundo Blinkstein (*apud* KOCH, 2009, p. 53) “[...] o que vejo como real é transformado em referente por meio da percepção e/ou cognição ou da interpretação humana.”

O interesse em fazer uma investigação da linguagem, tendo como *corpus* parábolas bíblicas, deve-se ao fator de ser a *Bíblia Sagrada* um dos livros mais traduzidos, distribuídos e lidos até hoje, que apresenta uma linguagem metafórica e rebuscada que atrai a atenção dos fiéis (COMFORT, 1998). Dentro desse contexto, concebemos existir uma complexidade do texto bíblico que perpassa por uma visão imanente do texto, mais voltada para um sentido literal, pois não contempla os aspectos contextuais e característicos desse gênero textual, gerando um olhar ingênuo do texto (FIGUEIREDO, 2009). Partindo desse pressuposto, acreditamos que analisar os dispositivos linguísticos da progressão referencial auxiliará a descortinar este cenário nebuloso em relação aos textos sagrados.

Para um melhor delineamento do trabalho, organizamos nossa exposição em três momentos: no primeiro momento, fizemos uma apresentação sobre a referenciação como fenômeno de categorização e recatego-

rização de objetos de discurso; no segundo momento, falamos sobre parábolas bíblicas e sua classificação como gênero textual; e para finalizar, tecemos um estudo sobre léxico e progressão referencial através de análises em parábolas bíblicas.

2. *Referenciação*

No cenário dos estudos, acerca da linguística textual recente, estiveram como cerne os apontamentos sobre a *referenciação*. Isso porque estudiosos como Mondada e Dubbois (*apud* CAVALCANTI; RODRIGUES; CIULLA, 2003, p. 20) estabeleceram uma diferença no uso dos termos *referência* por *referenciação*. Na verdade trata-se de uma mudança de olhar. A referência é uma visão tradicional, que tomou base nos pressupostos teóricos da lógica-semântica: concebe a linguagem como uma representação da realidade, como uma forma de representação do mundo, ou seja, concebe uma relação direta entre as palavras e as coisas. Mas, com o advento dos estudos linguísticos de teor sociocognitivo e interacional, passou-se a conceber uma visão não referencial da língua e da linguagem, a referenciação (KOCH, 2009). A linguagem, então, é vista como uma atividade interativa e sociocognitiva; e a referenciação como uma operação efetuada pelos sujeitos sociais à medida que o discurso se desenvolve. A diferença terminológica deve-se ao fato de a referenciação ser entendida como diversas formas de introdução de referentes no texto; não só como uma localização de palavras do mundo extramental, como concebia a corrente tradicional. Os referentes (objetos de discurso) de que falamos, não são rótulos para designar coisas no mundo, mas se constroem e reconstróem de acordo com a nossa “percepção” do mundo.

Assumindo a posição defendida por Apothéloz & Reichler-Béguelin (*apud* KOCH, 2009, p. 60) ao defenderem que a referenciação como também a progressão referencial consistem em processos de construção e reconstrução de objetos de discurso. Entendemos que a referenciação é um fenômeno textual e discursivo; e os objetos de discurso são entidades que são construídas interativamente e discursivamente pelos participantes no ato de enunciação. Segundo Koch (2009, p. 61):

[...] os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente

te, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

A partir desse pressuposto, interessou-nos ver, como ocorre a categorização e recategorização de referentes em meio às formas lexicais dentro de um texto bíblico. Uma vez que, observar a relação entre seleção lexical e progressão referencial por meio da construção de objetos de discurso nas parábolas, nos fez ver a importância dessas formas referenciais em relação ao contexto das interpretações dos textos sagrados.

3. Gênero textual parábolas bíblicas

Marcuschi considera os gêneros textuais como fenômenos históricos vinculados aos fatos sociais (MARCUSCHI, 2003). Os gêneros são mecanismos fundamentais para a socialização, pois por meio deles os indivíduos se inserem nas mais diversas atividades comunicativas e se capacitam a interagir com o mundo por meio dos gêneros delas resultantes.

Segundo o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, (2008, p. 948) parábola é “uma narrativa alegórica que envolve um preceito moral”. Para Sant’anna (2010) parábola é uma narrativa curta e essencialmente alegórica, cuja principal função é veicular princípios morais e religiosos.

No que tange a classificação das parábolas bíblicas como específicas de determinados gêneros, percebemos que no Brasil, este assunto foi pouco estudado e/ou discutido, uma vez que poucos trabalhos são encontrados e as discussões existentes classificam as parábolas bíblicas ora como uma narrativa literária,⁴³ ou como um gênero do discurso⁴⁴. Para buscarmos enriquecer os estudos linguísticos contemporâneos, definimos a parábola a partir de uma perspectiva do gênero textual. Nossa intenção aqui, não é de nos prolongarmos em discussões que diferem os modelos

⁴³ Concepção de parábolas segundo (SANT’ANNA, 2010, p. 1441). O autor no livro *O Gênero da parábola* classifica a parábola a partir das manifestações bíblicas do Novo Testamento.

⁴⁴ Nesse contexto vale ressaltar, os estudos do grupo de pesquisa *Linguagem Gêneros Discursivos e Leitura* orientados pela professora Dra. Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC). Esse grupo tem como foco a linha de pesquisa “Gêneros discursivos, narrativa literária, divulgação científica e cultural”, e através de textos disponibilizados *online* nos deparamos com os estudos de Aliana Geórgia Carvalho Cerqueira (UESC/FABESP) que tece algumas considerações sobre a parábola como um gênero discursivo.

de análises de gêneros em discursivos e textuais; mas, ao adotarmos uma metodologia de gênero do texto pretendemos apresentar as características observáveis nas parábolas bíblicas que nos permite classificá-las como inerentes ao gênero de texto.

Vale ressaltar que para tal análise, não buscamos identificar-classificar a parábola apenas observando as propriedades linguísticas internas do texto, mas procuramos observar como esse gênero se constitui como ferramenta para realizar *ações de linguagem*. Dessa forma, nos deparamos com a perspectiva interacionista e sociodiscursiva de Bronckart (1999), que utiliza a terminologia gênero de texto diferente do termo gênero do discurso oriundo de Bakhtin.

Apesar de Bronckart não tomar o gênero como unidade de análise, isso porque, para ele os gêneros procedem de atividades de linguagem de números ilimitados e, portanto, tal classificação não poderia ser feita com base em um único critério facilmente observável; ele defende que nos textos podem ser identificadas unidades linguísticas que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, que poderão ser articuladas entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos, os *tipos de discurso* (BRONCKART, 1999, p. 149). Os *tipos de discurso* são classificados como: *interativo, teórico, relato interativo, narração*. Estes, são formas dependentes de um leque de recursos morfossintáticos de uma língua, são de número limitado e, portanto, podem ser formas constitutivas para uma classificação do gênero.

Outro elemento que auxilia na identificação e classificação dos gêneros é a noção de sequência apresentada por Adam (1992) aproveitada e reformulada por Bronckart (*apud* MEURER, 2005) ao considerar sequência como macroestrutura disponível simultaneamente na memória, que se desenvolve em formas possíveis de planificação dos conteúdos, que são distribuídas em seis tipos: *dialogal, descritiva, narrativa, explicativa, argumentativa e injuntiva*.

Concordamos com Machado (*apud* MEURER, 2005) ao afirmar, com base nos estudos de Bronckart, que os tipos de discurso e os tipos de sequência não seriam critérios exclusivos para classificar gêneros de texto. Entretanto, uma identificação dos tipos de discurso e sequências aliada a outros critérios, tais como: o contexto de produção, o conteúdo temático, entre outros, poderão ser determinantes na categorização de um gênero.

Como nossa proposta aqui, prioriza uma análise no âmbito dos estudos da referenciação, não nos prolongaremos na apresentação dos modelos de análise de textos e sua classificação como gênero. Todavia, reconhecemos e utilizamos o método de análise de texto, efetuado por Machado (*apud* MEURER, 2005) ao fazer uma releitura de Bronckart.

A parábola, então, vai ser classificada aqui, como um gênero textual, que apresenta como situação de ação de linguagem, uma estratégia comunicativa em construção, ou seja, ela tem como objetivo levar o seu interlocutor a construir um conceito moral que subjaz a esse texto.

O tipo de discurso produzido nas parábolas poderá ser em alguns casos essencialmente narrativo, devido à apresentação em maior recorrência das seguintes características: apresenta-se monologado, unidades que remetem ao caráter disjunto-autônomo (o conteúdo temático verbalizado não é concomitante ao momento da produção do agente está na ordem do expor; não há uma explicitação do agente produtor, interlocutor e situação de espaço tempo), verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo (associados ao mais-que-perfeito e do futuro do pretérito), organizadores espaço temporais e frases declarativas. Como exemplo, constituinte desse tipo de discurso citamos a *parábola do Filho pródigo* (Lc. 15: 11-32).

As parábolas bíblicas também poderão apresentar um tipo de discurso de caráter relato interativo: apresenta-se monologado em situação de interação (real ou encenada), unidades que remetem ao caráter disjunto-implicado (o conteúdo temático verbalizado não é concomitante ao momento da produção do agente está na ordem do expor; pode haver uma explicitação do agente produtor, interlocutor e situação de espaço tempo), organizadores temporais, adjetivos e pronomes que remetem a 1ª ou 2ª pessoa do singular ou plural, frases declarativas. Como exemplo, temos a parábola do *Bom Pastor* (Jo. 10:11-18).

Quanto ao tipo de planificação, relacionamos às seqüências aos tipos de discurso mencionados acima, vistos serem estes os mais recorrentes. Sendo assim, para as narrações e os relatos interativos, Bronckart (1999, p. 240) apresenta três modalidades que poderão ser alternadas e combinadas de múltiplas maneiras: *o script, a seqüência narrativa e a seqüência descritiva*. O script reflete a cronologia efetiva dos acontecimentos narrados. Nas seqüências narrativas e descritivas os acontecimentos são organizados em fases e sustentados por uma operação de caráter dialógico.

Em relação às escolhas lexicais, a parábola bíblica apresenta um texto, cujo léxico deve ser acessível a situação histórico social do leitor ouvinte da parábola, já que este deveria responder prontamente a conclusão moral que lhe seria imposto pelo contador da parábola. Segundo Locyer, estudioso teólogo de parábolas bíblicas, os homens não esqueceriam as parábolas, porque Jesus foi bastante sábio ao apresentar suas palavras de uma forma que fosse mais fácil e seguro para lembrar a narração (LOCYER, 1999, p. 150).

Em suma, podemos dizer que nosso estudo sobre a definição do gênero parábola, teve como objetivo enfatizar elementos relacionados à estrutura textual, a análise do texto em uma situação de ação de linguagem em detrimento de uma dimensão discursiva que focaliza o enunciado. Nosso intento em delimitar as metodologias de análise do gênero, é justamente para não flutuarmos no uso das terminologias. Sabemos que não temos como identificar e classificar todos os gêneros existentes em nossa sociedade. Mas, vemos ser relevante para os estudos da linguagem, sabermos como operar com as parábolas bíblicas, a partir de uma perspectiva de gênero de texto. Ressaltamos que os critérios aqui analisados são apenas algumas das formas que podemos utilizar para classificar o gênero parábola, e estas, foram relevantes para a análise do objeto em foco.

4. Léxico e progressão referencial em parábolas bíblicas

Segundo Locyer (1999) as parábolas bíblicas do *Novo Testamento* poderiam ser agrupadas da seguinte forma:

- 1º) as parábolas teocráticas ou didáticas, proferidas por Jesus na qualidade de Mestre ou Rabi aos discípulos. Estas teriam como propósito instruir e treinar;
- 2º) as parábolas evangelísticas ou da graça, proferidas por Jesus em caráter evangelísticos, que visam a alcançar os pobres;
- 3º) as parábolas proféticas ou de juízo, que proclamam as grandes verdades de governo e do juízo moral de Deus. Essa classificação para nós é interessante, uma vez que nos auxiliará na forma como iremos observar a construção e reconstrução dos objetos de discurso no interior dos textos por meio da referenciação.

Nossa análise teve como foco observar a relação do léxico e da progressão referencial. Nosso *corpus* se constitui de três parábolas do Novo Testamento, proferidas por Jesus como ensinamentos a seus fiéis. São elas: parábola do grão de mostarda, parábola da árvore e dos frutos, parábola do joio, que serão vistas respectivamente pela análise do uso de anafóricos correferenciais sem recategorização por sinonímia ou parassinonímia; uso de anafóricos correferenciais sem recategorização por repetição total ou parcial e uso de anafóricos definidos e indefinidos.

5. *Uso de anafóricos correferenciais sem recategorização por sinonímia ou parassinonímia*

A retomada de um antecedente pode efetuar-se por meio de expressões sinônimas ou parassinônimas, que seriam expressões quase sinônimas (KOCH, 2005). Veremos como a escolha de expressões sinônimas irão constituir uma opção estilística do produtor do texto.

A parábola do grão de mostarda

Novamente ele disse: “Com que compararemos o *Reino de Deus*? Que parábola usaremos para descrevê-lo? É como um *grão de mostarda*, que é a menor *semente* que se planta na terra. No entanto, uma vez plantada, cresce e se torna uma das maiores plantas, com ramos tão grandes que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra”. (Mc. 4: 30-32)

Nessa parábola do *Grão de Mostarda* o “*Reino de Deus*” foi focalizado como um referente do mundo extramental, cujos atributos foram negociados no processo de referenciação desse *objeto de discurso*. Nesse caso, podemos observar que o *objeto de discurso* foi retomado por meio de expressões sinônimas como em: “*grão de mostarda*” e “*a menor semente*”. A utilização de sinônimos de implicação anafórica, de natureza correferencial, na retomada do referente, atribui um novo valor a ele:

É comum que um anafórico apreenda o referente sob uma denominação que constitui um sinônimo mais ou menos aproximado da designação presente no co-texto (parassinonímia), podendo trazer, inclusive, informações inéditas a respeito dele, justamente por designá-lo por outro nome [...] (KOCH, 2005).

Na parábola o “*Reino de Deus*” é categorizado como um grão de mostarda atribuindo um novo valor metafórico, que corresponde à propagação do evangelho que é semeado pelo Filho de Deus, e logo depois cresce com dimensões gigantescas, pois “*a menor semente*” vira uma grande árvore capaz de abrigar grandes aves. Entendemos que esse novo

valor é um fator argumentativo, pois assim, Jesus exemplifica a analogia do *Reino de Deus* com o *grão de mostarda*.

A seleção de termos que fazem parte do mesmo campo lexical garante a progressão referencial, portanto, a continuidade de sentidos no texto. Segundo Ingedore Koch “[...] A ativação de elementos componentes do mesmo esquema cognitivo, por meio da utilização de um mesmo campo lexical é responsável pela manutenção do tema ou tópico discursivo” (KOCH, 2009, p. 84). Na parábola, “*a menor semente*” mantém a ideia do tamanho diminuto do “grão de mostarda”. Ambos os termos fazem referência com o “*Reino de Deus*” caracterizando estratégias de negociação, marcadas sociocognitiva e historicamente, visto que, para ter o entendimento dessa parábola deve-se levar em conta o contexto histórico e social do texto, na época de Cristo.

Também é relevante observar que essa seleção lexical tem uma função expressiva, pois observamos que o gênero textual parábola, cujo viés é ensinar por meio de elementos simbólicos, de certa forma, poderá ser propício para utilização de léxico sinonímico: “A seleção lexical de um sinônimo adequado, para operar a remissão é, em grande parte, determinada pelo gênero textual e/ou pela variedade de língua utilizada podendo ainda constituir uma opção estilística” (KOCH, 2005, p. 265).

6. *Uso de anafóricos correferenciais sem recategorização por repetição total ou parcial*

Neste caso teremos anáforas com retomadas de antecedentes textuais feitas por meio de formas nominais, onde o núcleo desta poderá consistir na repetição total ou parcial do antecedente. Na parábola abaixo, podemos constatar que a repetição do termo *uma árvore* vai ser significativa, pois Jesus utiliza-se da analogia *árvore* e *frutos* para exemplificar o caráter do homem, no qual será ruim se a árvore for ruim e bom se a árvore for boa.

Parábola da árvore e dos frutos

Considere: *Uma árvore* boa dá fruto bom, e *uma árvore* ruim dá fruto ruim, pois *uma árvore* é conhecida por seu *fruto*. *Raça de víboras* como podem vocês, que são maus, dizer coisas boas? Pois a boca fala do que está cheio o coração. *O homem bom* do seu bom *tesouro* tira coisas boas, e *o homem mau* do seu mau *tesouro* tira coisas más. Mas eu lhes digo que, no dia do juízo, os homens terão que dar conta de toda *palavra* inútil que tiverem falado. Pois por suas palavras vocês serão absolvidos, e por suas *palavras* serão condenados (MT 12: 33-37)

A repetição parcial dos termos uma árvore nos primeiros períodos está em paralelo com a repetição dos termos o homem nos períodos posteriores. Dessa forma, poderíamos até considerar, ser a correferenciação por repetição parcial como uma estratégia de construção do sentido, observe que, a analogia árvore e homem será construída por essa repetição.

Outro fator a ser considerado é a repetição do termo *frutos*, já que este estará no mesmo nível de relação semântica com os termos *tesouro* e *palavras*. O homem que produz bons frutos possui um bom tesouro, pois o seu coração está cheio de coisas boas e ele falará coisas boas. Observe que, a transmissão desse ensino, torna-se mais fácil na forma alegórica como é contada. Essas repetições auxiliam em como o ensino moral que Jesus propunha vai sendo construído textualmente.

7. *Uso de anafóricos definidos e indefinidos*

Veremos que na parábola abaixo, as descrições definidas ou indefinidas terão uma função avaliativa, ou seja, “[...] vão trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões e crenças sobre o produtor do texto, auxiliando-o na construção de sentido” (KOCH, 2005, p. 269).

A parábola do joio

Jesus lhes contou outra parábola, dizendo: “*O Reino dos céus é como um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e se foi. Quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu.*”

Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: “O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?”

“Um inimigo fez isso”, respondeu ele.

Os servos lhe perguntaram: “O senhor quer que o tiremos?”

Ele respondeu: “Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderiam arrancar com ele o trigo. Deixem que cresçam juntos até a colheita. Então direi aos encarregados da colheita: juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro”. (Mt 13: 24-30)

A progressão dos objetos de discurso nos permite chegar a uma construção de sentido do texto como um todo. Essa parábola tem como temática a mistura do *mal* com o *bem*, que vão ser categorizados como o *trigo* e o *joio*. Note que, nesse contexto, as descrições definidas (Det +

nome) *o joio e o trigo* apresentam propriedades avaliativas: o bem ou o mal.

As descrições definidas *o Reino dos céus, Os servos, o senhor, o seu inimigo*, vão trazer informações importantes para a compreensão do ensinamento que Jesus queria demonstrar. *Os servos* poderão ser representados por aqueles que farão parte do Reino dos céus, ou seja, os filhos de Deus. Isso porque, partimos do pressuposto que o termo *o senhor* estará se referindo ao próprio Jesus, que seria o *dono do campo*, neste caso, *campo* significa a Igreja, e, portanto Jesus, o senhor dos servos. Jesus, *o senhor*, orientará aos seus *servos* em como será a colheita, sendo que o joio (os maus) será queimado e o trigo (os bons) guardado no celeiro. Neste caso podemos entender que a descrição definida *O Reino dos Céus* vai ser retomada pela expressão *celeiro*. A expressão *o seu inimigo* faz referência ao Diabo, já que este é representado no contexto bíblico como o inimigo de Jesus e da sua igreja. É interessante notar que, primeiramente, no texto, a referência ao inimigo aparece de forma definida *o seu inimigo*. Sendo depois retomado pela descrição indefinida *um inimigo*. Essa análise nos possibilitou a entender que *um homem*, mencionado logo no início do texto, refere-se a Jesus, que é quem planta *a boa semente*, em seu campo a Igreja. O uso proposital da expressão indefinida *um homem* cria não só um efeito de suspense em relação ao referente, mas também, o efeito de ocultar o referente. Ou seja, Jesus falava por meio de parábolas, não só porque era de fácil entendimento para as pessoas, mas porque também, não eram todos que poderiam ouvir e entender o que Ele estava falando. É bom lembrarmos que no contexto dessa parábola, Jesus ainda, não tinha se manifestado para as pessoas como o Filho de Deus e salvador. Ele teve todo um cuidado para falar sobre as profecias divinas, principalmente, em relação ao reino dos céus, para não correr o risco de ser pego pela acusação dos fariseus.

Sendo assim, fechamos o quebra-cabeça dos termos alegóricos presentes na parábola e chegamos a uma construção de sentido coerente a partir da progressão dos objetos de discurso.

8. Considerações finais

Analisar a correlação e implicação do léxico e da progressão referencial na reconstrução de objetos de discurso, em parábolas bíblicas, nos fez ver a importância do léxico no âmbito dos estudos sobre referenciação, e na construção de sentido do texto. Percebemos que a seleção lexi-

cal nas formas nominais de implicação anafórica pode atuar como um importante mecanismo de referência, trazendo informações de caráter avaliativo ou informacional para a construção de sentido desses textos sagrados.

Sabemos que, no contexto atual, os textos bíblicos são sobrepostos a diversas interpretações, muitas vezes, incoerentes com o contexto original que lhe é proposto. Portanto, nosso estudo teve como uma das potenciais vantagens descortinar esse cenário nebuloso das interpretações bíblicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2008.

ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.

COMFORT, Philip Wesley. *A origem da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

FIGUEIREDO, M. F. A competência metagenérica na leitura de textos bíblicos. *Web-Revista Discursividade: Estudo Linguísticos*, v. 5, p. 1-10, 2009. Disponível em:

<<http://www.discursividade.cepad.net.br/edicoes/05/5.htm>>. Acesso em: 23-10-2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça Maria; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia Maria. (Orgs.). *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. 1. ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, v. 1, p. 263-276.

LOCYER, Herbert. *Todas as parábolas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. B. R.; BEZERRA, M. B. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTI, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-51.

SANT'ANNA, Marco Antônio D. *O gênero da parábola*. São Paulo: UNESP, 2010.